

CORTE

Anno 16\$000  
Semestre 9\$000  
Trimestre 5\$000

# O MALDITO

PROVINCIAS

Anno 20\$000  
Semestre 11\$000  
Trimestre 6\$000

REDACÇÃO, 70 RUA DO OUVIDOR 70



A EMIGRAÇÃO QUE NOS CONVEM

O POBRE CEGO

— Ó Sr, ó Sr, olhe que o nichel que o Sr. me deu é falso!

Hontem a igreja de S. Francisco de Paula transbordava de povo como n'umas esquiças reas. Commemorava-se allí o passamento de D. Agatha Joaquina de Saldanha, mãe de Joaquim Saldanha Marinho.

D'aquella multidão, muitos—a maior parte, talvez—não haviam jámais conhecido a virtuosa senhora, mas todos correram a prestar o derradeiro signal de veneração aquella que fôra a mãe do digno cidadão, que sem descaço e sem treguas tem combatido, á frente de nós todos, homens de idéas livres, contra o obscurantismo e a oppressão dos enviados do Vaticano.

Quem não iria levar o seu tributo á memoria d'aquella excellente mãe, da mãe sinceramente, verdadeiramente christã, que tão fundo soube gravar no coração do filho as doutrinas de justiça e caridade pregadas pelo Divino Mestre, que nem o embate das paixões, nem o atrito do mundo puderam jamais apagal-as.

Quem faltaria pois aquella manifestação d'amor e de respeito!



Agradecemos ao Sr Aristides Serpa o seu opusculo *Pontos de Historia da Idade Media*, que faz parte da collecção publicada pelo Sr Serafim José Alves para usa das escolas.

SR ÔRIZA.— Não é bem, bem, bem. Para as fabulas serem perfeitias é necessario haver opposição de idéas entre a exposição e a moralidade ou então um trocadilho que dê duas sahidas ao pensamento. Alem d'isso — é por onde a sua pecca mais — é de absoluta necessidade a maior precisão no emprego das palavras.

SR K. PIM.— O caso é saber-lh'o dar.

SR A. R. S.— O facto a que se refere é inteiramente particular. Não poderíamos pois occupar-nos d'elle, muito mais sendo dado com o tal nosso *amigalhaço*.

SR ALTOLHAS.— Deixe-se de litteraturas, e se quer seguir um bom conselho, aprenda a fazer botas, Sr Altolhas.

## MUITA PARRA E POUCA UVA!

São bons attestados da civilisação dos povos — os monumentos.

São, além de prova de bom gosto e de progresso, um documento, com que provamos ao mundo: a gratidão para com aquelles que honraram a patria, e, no altar d'ella, se sacrificaram.

As baixellas de rendilhados labores, de fôrmas artisticas, e de exquisito desenho, tambem são provas da illustração e bom gosto do seu proprietario, — como o são os palacios de sumptuosa architectura, as télas dos grandes mestres, e as estatuas dos esculptores celebres; — mas o que de certo ninguém admittirá é

que — haja baixellas, onde nem sequer ha para o escuro pão do conteio, — ornamentação na architectura, onde não ha para um humilde tugurio; — télas de mestres celebres, onde nem sequer apparece a inspiração para cobrir a nudez das carnes, — estatuas de cinzel estanhado, onde não ha granito paca assentar uma humilde soleira.

O adagio: *por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento* tem acertada citação para o que tractamos; e, se por tantas vezes temos pugnado pelo engrandecimento das artes da nossa patria, não é muito que hoje o façamos por coisas de superior necessidade e alcance.

Os monumentos, as galerias, os jardins vistosos, são coisas naturalmente agradaveis; mas se o agradável não deve preferir o util, muito menos o deve fazer ao indispensavel necessario.

Projectam-se custosos monumentos, para commemorar os fastos gloriosos da nossa historia! Nada mais sancto — mais digno de respeito e attenção.

São elles tributo merecido aos nossos heróes, que derramando gostosamente o seu sangue pela patria, vingaram-lhe os seus ultrages, firmaram-lhe a sua importancia e poderio, e levaram o pavilhão nacional ao mais alto pinaculo de gloria.

Mas se é exactamente dos que se dedicam pela fama e honra do berço, que os viu nascer, que se devem esperar os testemunhos de maior dedicação e desinteresse; — os brasileiros, que com o seu valoroso braço se cobriram de louros nos campos do Paraguay, não podem, não devem permittir que se lhes pague um tributo quando ainda se não pagou outro mais devido e proveitoso, — que se estende ainda a maior numero de individuos, e — que é pela sua natureza — o que appropriadamente se pôde chamar — *um tributo á humanidade!*

Esses milhares de contos, que se vïo dispendir na construcção de alterosos monumentos, são outros tantos milhares de contos desahraídos de uma necessidade mais palpitante: — a de tornar o clima da nossa capital, ãm clima benéfico, como tem direito a reconhecida salubridade natural do nosso solo; e tratar por uma vez de empregar todos os meios ao nosso alcance para que o Rio de Janeiro não continue a ser a mais terrivel necropole de todo o mundo!

Quantas vidas uteis aos progressos da nossa patria se poderiam talvez salvar com esses milhares de contos! Quantas benções das familias dos nossos e dos que, vindos de plagas estrangeiras, são tambem nossos, ao confundir conosco o seu suor no laborar da terra, fonte das nossas mais opulentas riquezas!

Elevar um monumento, para a construcção do qual se dispendam grandes cabedaes, — deixando a braços com as mais horrorosas epidemias uma população inteira e aquella que ella necessita de fôrça; — não é só um desperdicio; — não é o agradável anteposto ao util; — o util preterindo o necessario. Eshbanjar, nas presentes circumstancias, essa fabulosa quantia, não é simplesmente economia mal entendida, é um perfeito crime!

Um monumento construido a peso de ouro, n'uma época em que os mais modestos recursos fallecem — não é um padrão glorioso! — É um monumento funebre; — tendo por alicerces as ossadas dos nossos irmãos; por ornatos os craneos dos nacionaes e dos estrangeiros que nos procuram; — por fuste os lamentos das viúvas e as lagrimas dos orphãos; por capitel o nosso descredito, por final remate a estatuá da morte, empunhando, não o glorioso pavilhão auri-verde, mas a luctuosa

bandeira negra, que bem mereço fluctuar sobre esta vasta hecatombe.

Elevar ás nuvens as glorias patrias, quando se deixam subjacentes os mais deletérios elementos que a deifinham e deshonram, é patriotismo de vista,—é amor patrio balfo, é ostentação sem exemplo!

Deixemos por emquanto de pensar em vaidades esculpturais; prescindamos d'ellas, de theatros, de jardins, de viacção accelerada, de machinas de guerra, de exercitos permanentes; prescindamos, se necessario fór, dos ministerios, das camaras municipaes, de sacerdotes, de tudo; mas não empestemos pela incuria o nosso clima, não snjemos com a lama do descredito este solo abençoado que Deus bem mal empregou pondo-o em taes mãos.

ALFREDO RIANCHO.

## FABULA INSTANTANEA

UM NEGOCIO BEM PENSADO

Cogita Augusto o interesse excellente d'um negocio. Vem um ladrão audaz, rouba-lhe a casa. Elle nem o presente.

Medita e lucrará.

BOB.

## GALERIA THEATRAL

(TERCEIRA SERIE)

DESENHOS DE FIGURA

VII

A DAMA CARICATA

Uma boneca de louça fingindo porcellana. Encontra-se sempre nos aparadores das salas de casas burguezas, e á mesa do jantar servindo de paliteiro.

Quando se vestem e poem chapéu á cabeça, semelham as jarras grosseiras, destinadas aos ramalhetes de malmequeres e mangericio.

Em casa trazem sempre á cintura uma figa de raiz de fedegoço, e á orelha o seu raminho de arruda.

Em não estando arrebicadas, parecem feitas de gesso, mas já carunchadas pelos pingos da chuva.

Quem as encontra nas caixas dos theatros acredita ter-se despregado lá de cima, das ornamentações da sala, alguma cariatide roida pelo cupim.

O que ninguém crê é que sejam feitas de carne e osso. Póde-se afirmar que sahem assim das officinas do aderecista para occupar logar nas prateleiras da contra-regra.

Por fóra é papellão e cal; por dentro são ócas.

E se alguma se encontra cheia, é de vento.

Algumas ha feitas de osso sem carne.

A Sra Ricardini, por exemplo.

Aquillo é osso, e osso magro, com pelle de bexiga de boi grudada em cima.

Outras são de carne sem osso, como a Sra Velluti, que é feita de bofe.

Ha-as tambem de nervo.

Ahi está a Sra Vicencia.

Estiquem-a estiquem-a bem, entre um cavalleto e uma cravelha de rabeção, e hão de ouvir que som!

O Sr Cyriaco, o *Homem que ri*, aproveite-a no primeiro *Requiem*.

As damas caricatas pertencem todas (nem carece dizel-o) á velha guarda.

Vê-se logo pelo bolor.

Cada uma dama caricata (characteristica, dizem-se ellas) é uma fatia de bolo inglez já mofada.

Isto não quer dizer que não presta; ou se o quer dizer, diz tambem que já foi antes muito boa fatia de pão de ló.

Sómente não foi comida (o que é uma prova de virtude); mas foi roida pelas baratas (o que é uma prova de não ter sido bem guardada).

No entanto, ha muita gente ainda que gosta da sua fatia da rainha.

E as fatias da rainha, como se sabe, são feitas de pão de ló velho.

De todas as damas de theatro é a dama caricata a unica que não tem ciumes das companheiras.

Em relação á arte, entenda-se; pois em relação ao amor são de uma inveja!...

Exceptuam-se a Sra Clelia, quanto á ultima parte.

Essa deita ainda seu amor platonico.

Do que resulta de vez em quando o nascimento de um Platãozinho.

Toda a dama caricata é reformada; algumas porém, recusam a aposentadoria e optam pelo serviço activo.

Vê-se a Sra Maria Leopoldina! que actividade aquella!...

E' que tem molas de boa tempera, refractarias á ferrugem, e com os bronzes bem azeitados. Não ha azinhavre que lhe pegue.

A Sra Maria Leopoldina não é feita de pó de pedra, nem de gesso, nem de papellão; é de barro da Bahia, cozido ao forno.

Quanto á fórma, é uma talha.

Talha bojudá, sem torneira, e com capacidade para duas pipas de agua.

Pois não cubre alli dentro a Sra Leolinda, com todas as suas gorduras e mais appendices!

A dama caricata está no derradeiro marco da carreira artistica.

Tambem é esta a sua maior consolação.

Pois que hão de todas ficar alli. Adiante não se vai.

Todas não. E' excepção a Sra Vicencia de Moura.

E por uma simples razão: foi como dama caricata que ella começou.

E desde então ficou encruada.

Se é que não está embalsamada pelo Dr Costa Ferraz.

GRYPHUS.

## FABULA INSTANTANEA

PENDENCIA FEMINIL

Uma á outra as *criadas* de dois padres poem os *podres* na rua e mil ruindades.

Brigam as *comadres* descobrem-se as *verdades*.

ANTONIO PIO.



O ÚLTIMO TRABALHO DE BORGOMAINERIO  
HOMENAGEM E SAUDADES DO MOSQUITO

## PATUSCO!

Aquelle *Apostolo*, por força tem coisa ruim.

O mais *furo* dos seus redactores, o Dr Reis, em tempos de rapaz tinha tanto *entusiasmo*, era de espirito por tal forma folgazão, que em S. Paulo, onde não são raros os grandes pandegos, conquistou o appellido — a meu vêr, muito glorioso — de *patusco*. E era o Reis-Patusco para cá e o Reis-Patusco para lá, e o Reis Patusco — quero dizer: o Sr Reis — ria, brincava, patuscava e cada vez mais justificava o cognome.

Um dia vieram-lhe velleidades de fazer jornal e o bom do meu amigo, seguindo os dictames do seu terno coração, alistou-se no *Cabrião*.

O *Cabrião* sovou os sotainas com uma tesura nunca vista até aquelle dia. E não foi só os sotainas: a politica local e a geral deram-lhe muitas vezes assumpto. Pessoas das mais altamente collocadas não lhe escaparam á satyra, e Reis, cada vez mais patusco, tripudiava de alegria.

Talvez pela intercessão do poderoso Sr S. Paulo, e á imitação d'elle, Reis Patusco teve um dia o seu «caminho de Damasco». Não sei se leu «alguma coisa» no firmamento azul, ou se algum archanjo de sobrepelliz lhe soprou umas certas palavras ao ouvido, mas no dia seguinte Reis já não era patusco, já não apresentava como tropheu de glorias o *Cabrião*, e só cuidava em ir todas as manhãs para a secretaria, porque, caso notavel, a despatusciação de Reis coincidiu com o seu emprego na repartição da Estatística.

Desse dia para cá, de hora em hora Reis melhora.

Amá os padres e os jesuitas a quem chamava «lobos esfalmados», adora as venerandas irmãs — antigamente *cofãs* — defende a monarchia desacatada pelos revolucionarios com quem outr'ora collaborava: emfim, Reis não só já não é patusco, mas todo o seu afán é acabar com os patuscos e as patuscadas.

O carnaval d'este anno deu-lhe thema e foram tantos os anathemas que elle desfechou, que se lhe foram fornecidos pela mesma loja, o vendedor a estas horas deve estar tratando de liquidar o seu negocio, rico como um burro.

Chamou libertinos, maçonicos, democraticos, debochados, trudes, cynicos e carnavalescos a quantos riram ao vêr dentro d'uma gaiola dois celebres martyres, figurados em passaros — talvez passaros-bisnans!

Chamou ao carnaval «pouca vergonha, maroteira, miseria e vilania, insolencia e immoralidade».

Accusou a policia de consentir que se fizesse das ruas «lupanar».

Etc., etc., etc.

Disseste bem, meu patusco amigo!

O que porem não deveras ter calado, era uma queixa sentida contra um grupo que representava a *cocca do Theozouro*, rodeada dos bezerros de farda bordada, de batina, e mesmo sem ser de farda nem de batina, que lhe passavam mãos cobiçosas pelas tetas e mamavam n'ellas com volúpia.

A essa allusão, ó cada vez mais patusco collega, a essa não disseste tu anathema!

E no entanto, ó Reis, ó Patusco, áquella vaquinha de oiro deves tu gratidão e protecção, porque tambem lá tens ido dar a tua chachadella.

Bon.

## FABULA INSTANTANEA

QUESTÃO RELIGIOSA

Pedro é homem de fé; Martin profundo atêu; travam-se de razões; depois ambos se soccam a panhadas, sem dô; não sei quem mais bateu.

Os extremos se tocam.

ANTONIO PIO.

## O MILAGRE

Mal pensavamos nós, quando, n'estas columnas humildes, mas honradas, onde só tem echo os clamores do justo, diziamos que o Conservatorio não tinha razões para prohibir a representação do infeliz drama *Os Lazaristas*, que d'ahi a pouco, sem nenhuma alteração n'essa corporação nem no regimen que nos governa, nós haviamos de vêr a nossa victoria, preparada pelo proprio Conservatorio.

A representação do *Milagre* é a prova mais evidente de tu o quanto escrevemos e que seria inutil repetir aqui.

Em todo o caso, se bem que não comprehendamos bem a evolução do Conservatorio, a nossa posição em frente d'elle é hoje muito outra.

Não o censuramos pela approvação do *Milagre*, continuando a censural-o pela reprovação dos *Lazaristas*.

Se este drama não podia ser representado porque atacava uma instituição a que o *Brasil deve muito*, como o pôde ser um outro drama que só differê d'aquelle na linguagem, nas inectivas, nos meios vis e torpes de que se servem padres pertencentes á mesma seita! Triste exemplo da mais deploravel incoherencia, que não pôde ser admissivel em uma corporação de juizes, que devem ter por norma a rectidão e a calma de espirito. Não se devia ter reprovido *Os Lazaristas*: foi um erro, cujas consequências podiam ser mais graves do que foram; mas depois de reprovados, depois das tristissimas e sanguinolentas scenas que se passaram, a approvação do *Milagre* é a confissão mais completa, de que a respeito dos *Lazaristas* só havia uma questão de capricho e nada mais.

O *Milagre* é uma peça que impressiona muito mais os ovinos do que o poderia fazer *Os Lazaristas*. E' a mesma ideia, e o mesmo enredo, attinge ao mesmo fim; porem em uma linguagem muito mais á altura das platéas, muito mais violenta, muito mais excitante.

A representação de tal peça veu tornar bem saliente a inutilidade do Conservatorio, como tornaria á de qualquer corporação d'aquelle ordem, que pela triste copia que dá de si parece dirigir-se antes por motivos menos confessaveis do que pelo bom senso e principios de honestidade.

Consta-nos que o drama *Os Lazaristas* vai subir novamente ao Conservatorio. Só queremos vêr que elle seja novamente reprovado. Não nos espantaremos; para mais julgamos capaz o Conservatorio, que já não é uma reunião de homens intelligentes e sérios, já não é um tribunal, d'onde se deva esperar imparcialidade e justiça, mas sim uma reunião de *politichellos*, que se movem, que riem, que choram, que ora encolhem as pernas, ora estendem os braços, conforme o pulso que lhes pucha o s cordeis.

S. PAIO.

## AOS EDITORES

DE  
JORNAL NAS PROVINCIAS  
F. HARLING tem constantemente em  
deposito papeis de impressao para jornaes.  
Com o pedido, acompanhado de 200 rs. em  
sellos do correio, expede amostras e preços  
correntes.

CARTAS PARA A  
47 RUA DA MISERICORDIA 47

**NÃO! NÃO!!**  
**ROCAMBOLE**  
**NÃO MORREU!!**

A Gazeta de Noticias  
Começou  
a publicar  
a continuação  
do romance

**ROCAMBOLE**

GAZETA DE NOTICIAS

ESCRITORIO

70 RUA DO OUIDOR 70

**OPOPONAX** EXTRACTO,  
SABONETE

POLVILHO

AO GRANDE MAGICO

107 RUA DO OUIDOR 107

**GRANDE ESTABELECIMENTO**

DE

**BANHOS**

149 RUA DO OUIDOR 149

perto do largo de S. Francisco de Paula

Este estabelecimento acha-se montado  
com todas as accommodações e assoço que  
exige uma casa d'este genero, podendo ser  
frequentado pelas familias.

Banhos quentes, frios, de chuva e  
medicinas.

Assignaturas com grande  
abatimento.

**LIVROS EM BRANCO**

E

OBJECTOS DE ESCRITORIO

**Moreira Maximino & C.**

111 RUA DA QUITANDA 111

**A MINERVA** deposito de fundas,  
instrumentos de optica,  
mathematica,

photographia e musica. Paramentos de  
igreja e sortimento variado de imagens:  
rua da Quitanda, 99.

## DR ROCHA BASTOS

CONSULTORIO  
DE MEDICINA  
DOSIMETRICA

DE  
**BURGCREAVE**

1:3 RUA DA IMPERATRIZ 133

**RETRATOS** a lapis, crayon ou fusain,  
propios para presentes.  
festas, etc. Copias de des-  
enhos e de photographias. Carta a A. A.  
do Valle, no escriptorio do Mosquito,  
70, Ouidor.

**DR A. RAMOS DA COSTA**  
**MEDICO**

CONSULTAS: DAS 9 A'S 10 HORAS DA MANHA,  
NA PHARMACIA DA

62 P. da Constituição 62

A outra qualquer hora, na

33 RUA DA GUARDA VELHA 33

**DR LUIZ PIETZENAUER**

Medico-Cirurgião

E

**PARTEIRO**

Consultas nos dias uteis das 12 & 2 horas  
da tarde, na casa de sua residencia

65 Rua de Theophilo Ottoni 65

SOBRADO

**O DR FERREIRA DE ARAUJO**  
**MEDICO**

119 Rua Sete de Setembro 119

**DR LACERDA COUTINHO**

MEDICO

57 RUA DOS ARCOS 57

**Flores do Campo**

UM VOLUME, POR

**EZEQUIEL FREIRE**

Livraria GARNIER, Ouidor 65

**DR SILVINO DE ALMEIDA**

ESPECIALIDADE

DE

**MOLESTIAS DE PELLE**

30 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 30

**CAMPAINHAS ELECTRICAS**

AO GRANDE MAGICO

107 RUA DO OUIDOR 107

**G. JOPERT & C.**

**IMPORTADORES**

PAPEL DE IMPRESSÃO

DE

TODAS AS QUALIDADES

63 RUA DO G. CAMARA 63

## O MOSQUITO

Unica folha illustrada que dá aos seus  
subscritores mais NUMEROS por semana,  
recebe annuncijs em lithographia ou  
typographia, sob condições razoaveis.

DESEA MAIS AGENTES NAS PROVINCIAS  
CONDICÕES LIBERAES

ESCRITORIO

70 Rua do Ouidor 70

**GAZETA DE NOTICIAS**

FOLHA NOTICIOSA E COMMERCIAL

PUBLICA TODOS OS DIAS

TELEGRAMAS

NOTICIAS LOCAES

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

NOTICIAS MARITIMAS

MOVIMENTO COMMERCIAL

PREÇOS CORRENTES

DE GENEROS DO PAIZ

**FOLHETINS**

Publica-se todos os dias

ASSIGNATURAS POR TRIMESTRE

Corte . . . . . \$8000

Provincias . . . . . \$4000

ESCRITORIO

70 Rua do Ouidor 70

**MASSA INSECTICIDA**

**Destruição immediata**

DAS

baratas, ratos, etc.

AO GRANDE MAGICO, Ouidor 107.

Sabiu á luz e acha-se á venda na livraria  
do editor Serafim José Alves, á praça  
D. Pedro II n. 16, a

**SELECTA**

**ANGLO-AMERICANA**

DO

**DR FELIPPE M. A. CORREA**

obra adoptada pelo conselho de instrucção  
publica e approvada pelo governo para  
servir de texto nos exames da instrucção  
publica e no imperial collegio de Pedro II.  
1 vol com 400 paginas impressas em-8. °

**GRANDE EMPORO**

DE

**VENTAROLAS CHINEZAS**

NA

Galeria de Dresden

55 RUA DA URUGUAYANA 55

**MINIATURAS** poesias por GONÇALVES  
Cesro—á venda na rua

do Ouidor n. 70.

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE

5 Rua do Evaristo da Veiga 5

**L'Espresso**

recomenda-se ao respeitável  
 e grande sortimento de calçados  
 de primeira qualidade, em  
 de suas fabricas, como pela regularidade  
 de suas peças. Acalha de  
 grande sortimento de

Melher. Suas  
 peças, suas  
 peças de alta  
 qualidade para  
 o CARNAVAL

Antalhas Bravileira 1861.-1866-1873 Francesa 1867. Inglesa 1862. Austriaca 1873.